

# MULHERES NO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL\*

Delcele Mascarenhas Queiroz – Uneb e UFBA.

## *Introdução*

O trabalho apresenta alguns achados de uma pesquisa mais ampla, sobre o acesso de estudantes ao ensino superior, considerando o gênero e a condição racial, que tem como campo empírico a Universidade Federal da Bahia.

Tem-se chamado a atenção para o acesso diferenciado de homens e mulheres ao ensino superior. Os estudos evidenciam que, no Brasil, as mulheres começam tardiamente a ingressar na universidade. Somente a partir do final do século XIX, as mulheres brasileiras adquirem o direito de ingressar no ensino superior. O pioneirismo do acesso feminino à universidade cabe a uma médica, formada pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1887<sup>1</sup>.

Em pesquisa realizada nos arquivos das antigas escolas superiores que vieram a constituir mais tarde a Universidade de São Paulo, Blay e Conceição (1991),

---

\* Este trabalho é fruto da pesquisa “Raça, gênero e educação superior” que estamos desenvolvendo com vistas à construção da tese de Doutorado, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFBA.

<sup>1</sup> Em 19 de abril de 1879, D. Pedro II faz aprovar uma lei autorizando a presença feminina nos cursos superiores. A decisão do Imperador deveu-se ao episódio vivido por Augusta Generosa Estrela, que tendo se diplomado em Medicina, em New York, em 1876, com uma bolsa de estudos concedida pelo próprio Imperador, foi impedida de exercer a profissão ao retornar ao Brasil ( Blay e Conceição, 1991)

dão conta de que a primeira mulher a diplomar-se em Direito, ali, data de 1902. Somente nove anos depois, em 1911, registra-se a presença de mais uma mulher. Em 1918, as primeiras mulheres diplomam-se em Medicina no Estado. E a primeira mulher a freqüentar a Escola Politécnica de São Paulo somente vai fazê-lo em 1928<sup>2</sup>.

As mulheres começam a aumentar a sua presença naquelas carreiras tidas como mais “tradicionalis” apenas a partir dos anos 40 (Blay e Conceição, op. cit.)

Na Bahia, desde o início do século XX, já se podia perceber a presença de algumas mulheres nos cursos de Medicina, Direito e Engenharia. Essa presença, contudo, era muito pouco expressiva para caracterizar o ensino superior como um espaço de livre trânsito das mulheres. De fato, o aumento da presença feminina no ensino superior, no Estado, está ligado à criação do curso de Filosofia, em 1942. Naquele momento, embora a criação de um espaço no ensino superior, aberto à participação feminina, representasse um avanço, isso se faz dentro de certos limites, - pelas próprias características com que foi criado o curso de Filosofia, voltado para a realização *desinteressada ...de ‘altos estudos’ ... que não se opunham à condição feminina*’ (Passos, 1997:142) - na medida em que acionava estereótipos sobre a mulher, contribuía para reforçar a divisão das carreiras por gênero<sup>3</sup>. Estabelecia-se assim,

---

<sup>2</sup> No Brasil, em 1907, as mulheres representavam apenas 0,24% das/os estudantes do Ensino Jurídico, 3,63% do Ensino Médico e Farmacêutico e 0,47% do Ensino Politécnico. *C.f.* Barroso e Mello (1975)

<sup>3</sup> O termo gênero está sendo adotado neste trabalho no sentido contemporaneamente assumido por diversas/os estudiosas/os, de

de modo tácito, que aos homens estariam destinadas as áreas de *'valor social' e possibilidades econômicas* e às mulheres aquelas voltadas à preparação para o *ensino secundário* e à *'cultura humanística'* (*idem*).

A partir dos anos 70, observa-se uma grande expansão das matrículas no ensino superior. Grande parte desse crescimento é atribuído ao aumento da participação feminina nesse grau de ensino (Barroso e Mello, 1975; Rosemberg, 1983 e 1994; Passos, 1997).

Barroso e Mello (1975), consideram que foi marcante o crescimento da participação feminina entre 1956 e 1971, passando de 26% para 40%. As autoras apontam para as características desta participação, evidenciando que ela não ocorre de modo uniforme; o aumento da concentração se dá, sobretudo, naquelas carreiras *'femininas' definidas culturalmente como mais apropriadas à mulher* (52). Em 1971, algo em torno de metade das mulheres matriculadas no ensino superior, concentrava-se nos cursos de Letras, Ciências Humanas e Filosofia. É nesse sentido que Rosemberg (1994) observa que *em certo sentido, estudos de mulher/gênero foram criaturas e criadoras das humanidades/letras...*(29).

Também os estudos mais contemporâneos seguem sinalizando para essa tendência a uma “guetização” das mulheres em certas carreiras consideradas “tipicamente femininas”. Rosemberg (1994) observa que *parece não haver dúvida que homens e mulheres seguem carreiras escolares diferentes, constituindo verdadeiros guetos*

---

uma construção social, a partir da característica biológica sexo, que atua como um demarcador dos indivíduos no mundo social (entre

*sexuais (30). Rosemberg e Amado (1992), consideram que a expansão crescente da educação formal feminina não tem sido suficiente para fazer convergir as carreiras escolares e profissionais seguidas por homens e mulheres (65). Para as autoras, são frágeis os indícios de que essa tendência à estratificação sexual das carreiras venha a diminuir, considerando que as mulheres tendem a seguir, em todos os níveis ... cursos impregnados de conteúdo humanístico e voltados para as Letras, que desembocam imediata ou posteriormente em profissões tradicionalmente desempenhadas por mulheres: magistério, artes, enfermagem. Os rapazes seguem preferentemente cursos técnicos (idem). Para Rosemberg (1994) apesar da igualdade de oportunidade no acesso e permanência de homens e mulheres no sistema de ensino brasileiro, ... o sistema de ensino trata de forma diferenciada homens e mulheres, articulando-se ao princípio da divisão sexual do trabalho...(39)*

Autoras como Passos (1997) e Lewin (*apud* Rosemberg *et. al.*, 1990) mostram-se mais otimistas com relação à inserção das mulheres naquelas carreiras tradicionalmente “masculinas”, por considerarem que, mesmo em proporções reduzidas, essa participação representa um avanço pela possibilidade de ampliação deste espaço aberto no território masculino. Para Lewin (*op. cit.*), a significativa a presença das mulheres nessas carreiras, inclusive porque as que aí ingressam apresentam, freqüentemente, melhor desempenho que os homens no vestibular.

---

outras/os, Scott; 1995; Louro, 1997).

Esse cenário evidencia o quanto o enfoque de gênero é *fundamental para se entender a educação formal e suas articulações com outras instâncias sociais*, como assinala Rosemberg (1994:39). Contudo os pesquisadores têm reclamado da insuficiência de informações desagregadas por sexo, mostrando que há, ainda hoje, negligência das instituições que coletam informações sobre educação, com relação a essa característica, dificultando a tarefa dos estudiosos que trabalham sobre o tema, a partir de dados secundários, e impedindo a visibilização dos problemas que envolvem a educação de homens e mulheres no Brasil.

Fúlvia Rosemberg vem chamando atenção para essa lacuna, em diversos momentos (1983; 1992; 1994), observando que *as estatísticas sobre educação brasileira, nos últimos anos e no que diz respeito à variável sexo, são omissas, avaras e sexistas* (Rosemberg, 1983:33).

Assim, buscando contribuir para a compreensão da inserção de homens e mulheres no ensino superior, analisaremos, neste trabalho, alguns achados da pesquisa mais ampla que estamos desenvolvendo sobre o acesso ao ensino superior, tomando como campo empírico a Universidade Federal da Bahia- UFBA. A pesquisa tem como universo os estudantes que ingressaram na Universidade no período 1993 a 1997, e utiliza-se de informações coletadas diretamente e daquelas fornecidas pelo Centro de Processamento de Dados da UFBA, geradas através do “Questionário Socio-econômico Cultural ASPLA/UFBA.” que coleta

informações dos estudantes que se candidatam ao vestibular.

### ***Gênero, cor e acesso à carreira***

A observação por gênero do contingente matriculado na UFBA., no período investigado, mostra que as mulheres estão representadas em proporção próxima à dos homens, em quase todos os anos da série, confirmando o que já havia sido apontado por Rosemberg (1994), de que o gênero já não representa um problema para o acesso ao ensino superior (tabela 1).

A observação da condição racial segundo o gênero mostra que os homens são maioria em quase todos os contingentes raciais, o que não surpreende em se tratando de uma população predominantemente masculina. Apenas no segmento branco as mulheres têm presença superior à dos homens. No contingente preto está a maior distância relativa entre homens e mulheres, o que aponta não somente para a desvantagem destas com relação ao seu grupo racial, como evidencia a sua distância da situação das mulheres brancas (tabela 2).

Confirmando as conclusões já apontadas na literatura sobre o tema, os dados mostram que também no ensino superior há espaços demarcados para homens e mulheres; existe aí uma segregação baseada no gênero. Assim, os homens estão concentrados predominantemente naquelas carreiras mais valorizadas e tradicionalmente “masculinas” como Direito e Medicina; naquelas carreiras técnicas e naquelas

voltadas para os setores mais dinâmicos do mundo da produção, como processamento de Dados, Administração e as do ramo da Engenharia. As mulheres, ao contrário, estão predominantemente concentradas naquelas carreiras de menor valorização e cujo desempenho freqüentemente não envolve mando como Secretariado, Biblioteconomia e Museologia, por exemplo; para as carreira voltadas para o magistério como Pedagogia, Letras, Licenciatura em Ciências do 1º Grau, que como se sabe, são espaços cativos das mulheres, ou aquelas carreiras cujas características guardam alguma analogia com as tarefas do mundo doméstico, tradicionalmente exercido pelas mulheres, e voltadas para a *maternagem*<sup>4</sup> o cuidado com os demais como Enfermagem, Nutrição, Psicologia, Odontologia, Farmácia. Ou ainda aquelas carreiras que envolvem atividades de fruição, lúdicas e de lazer, como as Artes, Arquitetura e Decoração, que são tidas, do ponto de vista do mundo produtivo, como de importância menor e até mesmo envoltas em uma certa puerilidade, atributo considerado típico das mulheres (tabelas 3 e 4).

A vantagem dos homens torna-se mais evidente quando se constata que 72,7% (8) das carreiras consideradas de *alto*<sup>5</sup> prestígio social são predominantemente

---

<sup>4</sup> Cf. Carvalho, Marília P. e Vianna, Cláudia P. (1995:33) “... maternagem é o trabalho relacionado ao cuidado e criação dos filhos e que pode ou não ser exercido pela mãe biológica”, e que os estudos brasileiros sobre relações de gênero têm adotado como tradução da palavra inglesa “mothering”.

<sup>5</sup> A atribuição de níveis de prestígio às carreiras baseou-se numa consulta a empresas de consultoria em RH, que atuam em Salvador, a respeito do prestígio desfrutado por aquelas no mercado de trabalho, e da qual resultou a seguinte escala de prestígio: *Alto* – Medicina, Direito, Odontologia, Administração, Processamento de Dados, Engenharia Elétrica, Psicologia, Engenharia Civil,

masculinas. Mulheres e homens participam de modo equivalente nas carreiras de *alto-médio* prestígio. As mulheres predominam em 58,3% (6) das carreiras de *médio* prestígio e em 71,4% (5) das carreiras de *baixo* prestígio.

O exame do acesso das mulheres à carreira considerando a condição racial, evidencia um novo patamar de diferenciação, confirmando a observação de Rosenberg (1997), de que *as hierarquias de gênero interagem com as de raça e classe, para produzir um sistema educacional excludente* (3). Vê-se que mulheres brancas e pretas situam-se em posições bastante distintas com relação ao prestígio desfrutado pelas carreiras nas quais elas predominantemente se inserem (tabela 5). Enquanto as maiores concentrações de mulheres brancas estão, pela ordem, em Direito, Odontologia, Arquitetura, Pedagogia, Administração e Medicina, carreiras de elevado prestígio social, as maiores concentrações de mulheres pretas estão em Pedagogia, Biblioteconomia, Licenciatura em Ciências do 1º Grau, Enfermagem, Secretariado e Letras. Como evidencia a tabela 6, mais de um décimo de todo o contingente de mulheres pretas da UFBA., concentra-se numa única carreira – Pedagogia - que, embora

---

Engenharia Mecânica, Arquitetura, Engenharia Química; *Médio-Alto* – Ciências Econômicas, Jornalismo, Medicina Veterinária, Engenharia Sanitária, Enfermagem, Pedagogia, Ciências Contábeis, Nutrição, Química Industrial, Engenharia de Minas; *Médio* – Secretariado, Farmácia, Agronomia, Química lic. e bac., Educação Física, Desenho industrial, Ciências Sociais, Artes Plásticas, Letras, Matemática; *Médio Baixo* – Filosofia, Ciências Biológicas, Música, Geologia, Geofísica, Composição e Regência, Estatística, Artes Cênicas, Dança, História; *Baixo* – Desenho e Plástica, Instrumento, Biblioteconomia, Canto, Licenciatura em Ciências do 1º Grau, Geografia, Museologia.

classificada como desfrutando de *alto-médio* prestígio, enquanto uma carreira voltada para o magistério, não oferece as mesmas vantagens profissionais que aquelas carreiras em que as mulheres brancas predominam.

As mulheres estão representadas, mesmo que em proporção diminuta, em todas as carreiras do elenco da Universidade. No entanto, as mulheres mulatas e pretas, mas sobretudo as pretas, estão ausentes em algumas desta carreiras. As mulheres mulatas estão ausentes em Engenharia Mecânica e Instrumento; as pretas estão ausentes em Engenharia Mecânica, Desenho Industrial, Direção Teatral e Instrumento.

Mesmo ante este cenário, não é possível, olhando para a história das mulheres no ensino superior, deixar de concordar com Elizete Passos e Helena Lewin, e reconhecer que, mesmo que de modo lento, as mulheres vêm conseguindo cruzar as fronteiras dos espaços masculinos, inserindo-se em carreiras até bem pouco tempo, de exclusivo domínio dos homens, com as do ramo da Engenharia, por exemplo. Isto se verifica mesmo para as mulheres pretas que, como se pôde ver, estão submetidas a maiores desvantagens no acesso ao ensino superior.

Um aspecto importante a destacar diz respeito ao desempenho dos estudantes segundo o gênero. Para examinar esse aspecto tomamos o desempenho de mulheres e homens em dois diferentes momentos relacionados ao ensino superior: no momento de ingresso na carreira, isto é, no vestibular e durante a realização do curso, mais exatamente no terceiro

semestre<sup>6</sup> letivo. O exame das informações deu conta de que nas carreiras técnicas, de elevado prestígio social como as Engenharias, Arquitetura e Urbanismo, Processamento de Dados e Química Industrial, e em carreiras de outras áreas, mas também de grande valorização, como Direito, Ciências Econômicas, Comunicação Social, entre outras, as mulheres obtêm médias de pontos no vestibular inferiores às atingidas pelos homens.

A esse respeito é possível pensar que a situação de competição que envolve o exame vestibular talvez produza maior insegurança nas estudantes, prejudicando o seu desempenho, o que ocorreria em menor escala com os estudantes, mais treinados, pela sua condição de gênero, para esse tipo de embate. Como assinala Louro (1997), através de muitas instituições e práticas as concepções de gênero são aprendidas e interiorizadas, tornando-se quase *naturais (ainda que sejam fatos culturais) ... um longo aprendizado vai, afinal, 'colocar cada qual em seu lugar'* (64). E o lugar da competição termina por revelar-se um lugar masculino. Barroso e Mello (*op.cit*), referem-se a estudos que mostram que frente a situações de competição as mulheres tenderiam a assumir uma atitude de *evitar o sucesso*. Todos esses estudos sugerem que a *socialização do papel feminino* afetaria as *aspirações, expectativas e motivações da mulher em situação de vida adulta*. A mulher seria

---

<sup>6</sup> Como examinávamos o contingente de estudantes que ingressou entre 1993 e 1997, tomamos o *coeficiente de rendimento* no terceiro semestre, como forma de padronizar a informação sobre todo o conjunto.

*ensinada a obedecer e a não disputar com o homem, a assumir um papel secundário para ser amada (74-75).*

Contudo, quando se observam as médias de rendimento no curso superior, a superioridade do desempenho feminino torna-se evidente, como indica a tabela 7. As mulheres atingem, quase que invariavelmente, maiores médias de rendimento que os homens, o que indica que, uma vez ultrapassada a barreira da disputa pelo acesso, as mulheres podem revelar-se tão ou mais capazes que os homens. Aqui, ainda se poderia argumentar em favor dos homens que, estando no contingente masculino a proporção mais elevada de estudantes que trabalham, o melhor rendimento das mulheres decorreria do seu maior tempo disponível para o estudo. Não seria incomum o uso de tais argumentos, tendendo a reduzir a importância das realizações femininas, quando as mulheres apresentam um desempenho superior ao masculino, notadamente, em atividades consideradas domínio masculino. Louro (*op. cit.*), comentando um estudo sobre o desempenho de meninas e meninos em Matemática, mostra que as explicações dos professores e professoras eram bastante distintas quando os resultados dos alunos e alunas invertiam a expectativa tradicional de que as meninas fracassassem e os meninos fossem bem sucedidos. Quando uma menina tinha desempenho superior, se dizia que ela era *uma trabalhadora muito “esforçada”*. A elas nunca se aplicava o adjetivo *brilhante*, ou se dizia que tinham *potencial*, termo sempre utilizado para referir-se ao desempenho masculino.

De todo modo, o fato de as mulheres trabalharem em menores proporções que os homens não parece ser argumento suficiente para desqualificar o melhor rendimento das mulheres, em virtude de ser bastante elevado, na UFBA. a proporção de estudantes, de ambos os sexos, que dedicam seu tempo apenas ao estudo (51,2% dos homens e 48,8% das mulheres), mesmo sendo um pouco mais representativo entre as mulheres que entre os homens o contingente que não trabalha.

A comparação entre as médias das mulheres brancas e pretas é ainda mais reveladora do esforço que fazem as mulheres para superar sua situação de inferiorização. Se é surpreendente, que as mulheres, frente à toda sua história de impedimentos e exclusões, apresentem um desempenho tão superior, naquelas carreiras que são território quase cativo dos homens, mais surpreendente ainda é verificar que o desempenho das mulheres pretas nesses espaços é superior ao das brancas. Apesar de ausentes da carreira mais “masculina” de todo o elenco de carreiras da UFBA. – Engenharia Mecânica -, e de sua reduzidíssima presença nas demais carreiras consideradas prestigiosas, as mulheres pretas têm melhores médias de ingresso que as brancas em 55% (11) das carreiras de *alto* e *alto-médio* prestígio, como evidencia a tabela 8. Elas têm também melhores médias de rendimento no curso em 55% destas carreiras. Em Medicina, a carreira de mais alto prestígio da Universidade, e cujas/os estudantes atingem as mais elevadas médias, tanto no vestibular quanto em rendimento no curso, embora as mulheres pretas aí estejam numa proporção quase insignificante,

apresentam a maior média do curso, o que equivale a dizer, de toda a UFBA (tabela 8).

### **Considerações Finais**

De fato, os dados confirmam as conclusões de outros estudos no sentido de uma “guetização” das mulheres em certas carreiras “femininas” que, de modo geral, são aquelas de baixo valor ou que vão perdendo prestígio, à medida que incorporam a presença feminina. Contudo não é possível deixar de reconhecer que as mulheres estão, em certa medida, também se inserindo em carreiras antes de exclusivo domínio masculino. Concordamos com a interpretação de Rosemberg (1983) de que a escolha de carreiras “femininas” pelas mulheres parece *demonstrar o exercício de um poderoso senso de realidade. Uma estratégia de sobrevivência ... as mulheres escolhem cursos assistenciais, ligados à área de educação ou paramédicos ... não porque sua socialização conduziu-as a ‘preferirem’ papéis expressivos; não apenas pelo seu passado escolar que privilegiou as humanidades em detrimento das ciências e da técnica; mas também pelo ajustamento de tais cursos à ambivalência de sua condição* (36-37) .

Outro elemento animador nesse cenário é o bom desempenho das mulheres, as vezes, até mesmo superior ao dos homens, em carreiras prestigiosas, tradicionalmente masculinas como as dos ramos de Engenharia. As análises têm apontado para o bom desempenho das mulheres nos diversos níveis de escolarização, mas algumas interpretações tendem a

enxergar esse desempenho como produto do treinamento para a obediência, recebido pelas mulheres durante o seu processo de socialização (Madeira 1997).

Acreditamos, no entanto, ser possível pensar o desempenho feminino de um ponto de vista mais otimista, encarando-o como parte do esforço que empreendem as mulheres para inserir-se num mundo fortemente favorável à presença masculina.

Também o trabalho Nádyá Castro e Vanda Sá Barreto (1998) sobre petroquímica baiana vai no sentido de evidenciar esse esforço, quando mostra que nesse ramo da indústria as mulheres apresentam média de escolaridade mais elevada que os homens. São, no entanto, as mulheres pretas aquelas que apresentam as mais elevadas médias de escolaridade de toda a indústria, parecendo significar que elas têm que realizar um esforço adicional para inserir-se naqueles espaços socialmente almejados.

A análise do desempenho das mulheres pretas na UFBA., parece confirmar amplamente essa hipótese.

## **Bibliografia**

- Barroso, Carmem e Mello, Guiomar Namó de. O acesso da mulher ao ensino superior brasileiro. Fundação Carlos Chagas, *Cadernos de Pesquisa*, nº 15, p. 47-77, 1975
- Blay, Eva Alterman e Conceição Rosana R. da. A mulher como tema nas disciplinas da USP. *Cadernos de Pesquisa*, nº 76, fev. p. 50-56, 1991
- Carvalho, Marília P. de e Vianna, Cláudia P. Movimentos sociais por educação: a invisibilidade dos gêneros. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, nº 93, mai. p. 32-39, 1995
- Castro Nadya e Sá Barreto, V. S. Os negros que dão certo. Trabalho e Desigualdades Raciais. Negros e Brancos no mercado de trabalho em Salvador. Castro Nadya e Sá Barreto, V. S. (orgs.), S. Paulo, Annablume/ A Cor da Bahia, 1998, pp. 131-157
- Louro, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação. Rio de Janeiro, Vozes, 1997
- Madeira, Felícia. R. Quem mandou nascer mulher? Estudo sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil Madeira, Felícia. (org.) Trajetória das meninas dos setores populares: escola, trabalho ou... reclusão. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, p. 45-133, 1997

- Passos Elizete S. A mulher na Universidade Federal da Bahia: avanços e recuos. *Bahia Análise & Dados* Salvador, v.7, n.2 set. p. 142-150, 1997
- Rosemberg, Fúlvia. Educação gênero e raça. Encontro da Latino American Studies Association, Guadalajara, México, 17-19, Abril, 1997, (*mimeo*)
- \_\_\_\_\_ Educação e gênero no Brasil nos anos 80 (versão preliminar). Porto Alegre, 1994, (*mimeo*.)
- \_\_\_\_\_ Psicologia, profissão feminina. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n° 47, p. 32-37, nov. 1983
- \_\_\_\_\_ e Amado, Tina. Mulheres na Escola. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n° 80, p. 62-72, fev. 1992
- \_\_\_\_\_. *et. al.* Mulher e educação formal no Brasil: estado da arte e bibliografia. Brasília, INEP, 1990.
- Scott, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, v. 20 n.2, jul./dez. p.71-99, 1995

## Anexos

Tabela 1 – Distribuição dos estudantes por gênero, segundo o ano de ingresso. Universidade Federal da Bahia  
1993-97

Ano de ingresso	Mulher	Homem
1993	49,5	50,5
1994	47,8	52,2
1995	47,9	52,1
1997	50,0	50,0

Fonte: CPD/UFBa.

Tabela 2 – Distribuição dos estudantes por gênero e cor  
Universidade Federal da Bahia  
1993-97

Gênero	Branca	Morena	Mulata	Preta	Total
Feminino	53,2	46,8	48,1	45,7	48,8
Masculino	46,8	53,2	51,9	54,3	51,2

Fonte: CPD/UFBa.

Tabela 3 – Parcela de mulheres nas carreiras de maioria feminina. Universidade Federal da Bahia  
1993-97

Curso	%
Secretariado	97,3
Decoração	95,9
Enfermagem	93,3
Nutrição	91,5
Pedagogia	89,8
Dança	89,5
Canto	83,3
Letras c/Língua Estrangeira	76,6
Letras Vernáculas	74,0
Biblioteconomia	73,7
Licenciatura em Ciências do 1º Grau	73,3
Psicologia	71,7
Artes Cênicas (Interpretação Teatral)	70,4
Língua Estrangeira	69,7
Museologia	66,0
Artes Plásticas	63,4
Música	62,9
Odontologia	60,9
Comunicação Social	60,6
Farmácia	57,6
Artes Cênicas (Licenciatura em Teatro)	57,1
Ciências Sociais	56,9
Ciências Biológicas	54,8
Medicina Veterinária	54,1
Desenho e Plástica	53,1
Artes Cênicas (Direção Teatral)	52,6
Arquitetura	52,0

Fonte: CPD/UFBA

Tabela 4 – Parcela de homens nas carreiras de maioria masculina. Universidade Federal da Bahia  
1993-97

Curso	%
Engenharia Mecânica	97,7
Engenharia de Minas	97,1
Engenharia Elétrica	91,6
Instrumento	92,3
Física	86,0
Geofísica	82,1
Engenharia Civil	79,3
Engenharia Química	78,1
Engenharia Ambiental	75,6
Educação Física	75,3
Processamento de Dados	73,8
Desenho Industrial	73,6
Matemática	73,3
Química Industrial	71,7
História	68,2
Filosofia	67,4
Geografia	66,7
Geologia	65,8
Medicina	65,6
Agronomia	65,5
Ciências Econômicas	64,0
Ciências Contábeis	62,0
Administração	60,5
Estatística	59,7
Direito	56,9
Composição e Regência	56,9
Química	51,9

Fonte: CPD/UFBA

Tabela 5 – Distribuição das mulheres por cor, nas carreiras de maior presença feminina. Universidade Federal da Bahia 1993-97

Curso	Branca	Morena	Mulata	Preta
Secretariado	26,9	47,4	15,7	10,0
Decoração	35,2	53,5	9,9	1,4
Enfermagem	16,3	46,2	27,5	10,0
Nutrição	24,0	48,0	21,5	6,5
Pedagogia	27,8	39,1	14,8	18,3
Dança	33,6	47,9	14,3	4,2
Canto	10,0	70,0	10,0	10,0
Letras c/Língua Estr.	18,4	39,5	18,4	23,7
Letras Vernáculas	22,2	45,8	20,8	11,1
Biblioteconomia	16,9	36,4	24,0	22,7
Lic. em Ciên. do 1º G	21,5	39,9	22,1	17,4
Psicologia	36,9	53,6	3,9	5,6
Artes Cênicas (Inter.)	39,5	36,8	18,4	5,3
Língua Estrangeira	35,2	53,5	9,9	1,4
Museologia	30,3	40,9	16,7	12,1
Artes Plásticas	35,2	46,5	14,1	4,2
Música	7,7	50,0	30,8	11,5
Odontologia	47,5	41,3	7,3	3,9
Comunicação Social	41,3	42,0	14,0	2,8
Farmácia	29,3	47,5	18,2	5,0
Artes Cênicas (Lic.)	40,0	25,0	25,0	10,0
Ciências Sociais	28,6	39,5	21,4	10,5
Ciências Biológicas	25,5	50,9	17,4	6,2
Medicina Veterinária	33,0	46,6	17,8	2,6
Desenho e Plástica	27,7	29,5	32,1	10,7
Artes Cênicas (Dir.)	44,4	22,2	33,3	---
Arquitetura	41,2	44,5	10,7	3,7

Fonte: CPD/UFBA

Tabela 6 – Parcela de mulheres brancas e pretas nas carreiras onde estão concentradas em proporção superior a 1%.  
Universidade Federal da Bahia  
1993-97

Branças	%	Pretas	%
Direito	6,9	Pedagogia	13,6
Odontologia	6,5	Biblioteconomia	7,0
Arquitetura	5,9	Lic. em Ciên. do 1 <sup>o</sup> Grau	5,2
Pedagogia	5,5	Enfermagem	5,0
Administração	5,2	Secretariado	5,0
Medicina	4,6	Letras Vernáculas	4,8
Farmácia	3,8	Ciências Sociais	4,4
Psicologia	3,5	Nutrição	4,4
Secretariado	3,5	Ciências Contábeis	4,0
Med. Veterinária	3,3	Agronomia	2,8
Engenharia Civil	3,2	Língua Estrangeira	2,8
Ciências Sociais	3,2	Química	2,6
Nutrição	3,1	Geologia	2,6
Comunicação Social	3,1	Farmácia	2,4
Ciências Econômicas	2,2	Desenho e Plástica	2,4
Enfermagem	2,2	Arquitetura	2,0
Ciências Biológicas	2,2	Psicologia	2,0
Dança	2,1	Ciências Biológicas	2,0
Ciências Contábeis	1,7	Odontologia	2,0
Desenho e Plástica	1,6	Let. Vern. c/ Líng. Estran.	1,8
Língua Estrangeira	1,4	Administração	1,6
Biblioteconomia	1,4	Museologia	1,6
Decoração	1,3	Direito	1,6
Process. De Dados	1,2	Estatística	1,4
Geologia	1,1	História	1,2
Museologia	1,1	Artes Plásticas	1,2
		Matemática	1,2

Fonte: CPD/UFBa

Tabela 7 – Escore de pontos no vestibular e médias de rendimento no terceiro semestre, dos estudantes nos cursos de *alto* e *alto-médio* prestígio por gênero. Universidade Federal da Bahia  
1993-97

Curso	Escore no vest.		Rend. no curso	
	Mulher	Homem	Mulher	Homem
<i>Alto</i>				
Arquitetura	6,31	6,38	6,68	5,92
Eng. Civil	6,58	6,65	6,40	5,79
Eng. Elétrica	6,98	7,25	7,31	6,18
Eng. Mecânica	6,25	7,25	7,31	6,18
Eng. Química	6,60	6,62	4,97	4,88
Process. De Dados	5,76	5,86	5,31	4,90
Administração	6,43	6,41	6,71	6,10
Psicologia	6,74	6,73	7,20	6,46
Direito	7,12	7,14	7,35	6,87
Medicina	7,72	7,67	7,53	7,21
Odontologia	6,94	6,85	7,34	6,84
<i>Alto-Médio</i>				
Eng. Sanitária	5,64	5,73	3,20	2,33
Eng. de Minas	5,36	5,54	1,80	2,87
Comunicação	6,85	6,79	6,84	5,40
Pedagogia	5,42	5,48	6,30	5,56
Ciências Econômicas	6,03	6,20	4,85	4,90
Ciências Contábeis	5,98	5,99	6,53	5,42
Nutrição	5,66	5,94	5,94	3,98
Enfermagem	5,75	5,68	6,51	6,41
Medicina Veterinária	5,97	5,83	5,69	5,23
Química Industrial	5,60	5,67	4,11	2,88

Fonte: CPD/UFBA

Tabela 8 – Escore de pontos no vestibular e médias de rendimento no terceiro semestre, das mulheres brancas e pretas, nos cursos de *alto* e *alto-médio* prestígio. Universidade Federal da Bahia 1993-97

Carreira	Escore no vest.		Rend. no curso	
	Branca	Preta	Branca	Preta
<i>Alto</i>				
Medicina	7,55	7,63	7,49	8,03
Process. De Dados	6,85	6,49	6,31	7,91
Odontologia	6,82	6,75	7,41	7,52
Direito	7,07	2,27	7,31	7,47
Eng. Civil	6,67	6,64	6,67	7,29
Psicologia	6,57	7,21	7,16	6,54
Administração	6,43	6,80	6,53	6,17
Arquitetura	6,16	6,16	6,86	6,05
Eng. Elétrica	6,84	6,62	7,46	6,00
Eng. Química	6,78	6,05	4,94	4,85
Eng. Mecânica	6,63	—	6,20	—
<i>Alto-Médio</i>				
Comunicação	6,82	6,48	6,74	7,93
Ciências Econômicas	6,67	6,63	6,66	7,29
Pedagogia	5,38	5,36	5,93	6,74
Enfermagem	5,69	5,53	6,26	6,70
Ciências Contábeis	5,85	6,10	5,47	6,67
Nutrição	5,44	5,61	5,75	6,22
Ciências Econômicas	5,96	6,16	5,24	5,75
Eng. Sanitária	5,53	5,72	3,97	5,67
Medicina Veterinária	60,6	6,04	5,88	4,77
Química Industrial	5,45	5,75	3,47	3,36
Eng. de Minas	5,23	5,72	2,40	1,86

Fonte: CPD/UFBa